

ES CRAVA: MULHER, MÃE E LENDA.

Ana Nery Corrêa dos Santos Barros
Universidade Estadual da Paraíba
ananerysbarros@hotmail.com

Durante os mais de três séculos de escravidão no Brasil muitas mulheres africanas e afro-descendentes viram o seu direito de ser mulher e de ser mãe negados e moldados segundo a condição a elas imposta. Neste sentido buscamos estruturar um trabalho sobre as escravas, cuja abordagem enfatizará a escrava enquanto mulher, enquanto mãe e as lendas existentes sobre elas. Norteiam essa pesquisa nomes como: Divalte Garcia, Gilberto Freyre, Margareth Rago, Carlos Fragoso, Alfredo Boulos, Áurea Queiroz, Mariana Várzea e Rosane Volpato. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica a partir da qual tem se confirmado a escassa produção historiográfica sobre as escravas, principalmente abordando-as enquanto mulher e mãe. As lendas encontradas se mostram símbolos de resistência manifestados pelo imaginário popular em resposta à dupla exclusão sofrida: por serem mulheres e por serem escravas.

Palavras- Chave:

Escrava – Feminilidade – Maternidade – Representação – Resistência.

Para nós, pessoas do século XXI, que vivemos cercados de tantos avanços tecnológicos, mudanças avassaladoras que invadem a nossa vida vertiginosamente, nós que temos o direito de expressar livremente os nossos pensamentos e vontades, fica complicado compreender a dimensão do sofrimento, da perseguição, da negação e da destruição multifacetada que milhares de mulheres experimentaram entre os séculos XVI e XIX, período no qual vigorou a escravidão no Brasil.

É isso mesmo, estamos falando das escravas, africanas seqüestradas de sua terra e trazidas para esse país, ou ainda que aqui nasceram carregando sobre si dois sinais que em muito lhes pesaria durante a vida: eram mulheres e estavam escravizadas. E o nosso olhar lançados sobre elas abordará três aspectos: a mulher, a mãe e a lenda, que em sua maioria nasceram e/ou morreram sobre o domínio da escravidão.

Esse trabalho é constituído muito mais por perguntas do que por respostas, afinal nasceu de uma enxurrada de questionamentos que nos inquietaram por demais. Colocamos-nos a pensar sobre as dores e desejos dessas mulheres, sobre suas particularidades femininas, vivência da maternidade, os laços entre mãe e filho, sentimentos e constrangimentos, exclusões e mutilações próprias da condição de escrava.

Fomos também arrebatadas pelo fascínio das lendas existentes sobre as escravizadas, lendas essas que consideramos construções culturais que contrariando a ordem vigente, deu às escravas ou em sua memória, uma espécie de vitória contra o silêncio e a exclusão às quais estava condenada essa duplamente minoria.

Falar sobre essa página da nossa história é olhar para novas possibilidades Historiográficas, afinal o mundo do terceiro milênio exige novas formas de olhar e pensar a História, e diria mais, não só novas formas de olhar e pensar, como também, e, sobretudo, novas formas de fabricar a História. Há muito tempo o leque foi aberto, há muito tempo que temos outras alternativas na hora de determinar os objetos de estudo da história que queremos construir. Não precisamos mais ignorar determinados autores da história e a história que estes nos trazem, em nome de uma história homogeneizante, totalizadora, limitada apenas aos documentos eleitos como oficiais, embriagada no tradicionalismo e nas verdades e objetividades das elites dominadoras. Sim, faz muito tempo que somos livres para falar das diferenças, das rupturas, das minorias. O que me encanta em trabalhar essa história dos silenciados, mas que não deixaram se protagonizar a história, que não foram as vítimas tão somente, mas que também foram agentes da História, apenas durante muito tempo foram empurrados historiograficamente para as margens da história, é que mesmo tarde uma nova/velha História ganha força, revelando modos diferentes de existência, outras práticas na

relação no nosso *eu* com o *outro*, nos damos conta da existência de outras racionalidades em nosso próprio passado, e enfim redescobrimos a nossa própria tradição cultural. Enfim, nos sentimos mais ou menos como diz Margareth Rago:

[...] como um libertar-se de determinadas representações do passado, de procedimentos que levam a determinados efeitos, relações de poder, enfim, de construções autoritárias do passado - sobretudo das que se supõem as únicas verdadeiras - e que, para além dos sujeitos excluídos, suprimem o contato direto com as experiências de liberdade, inventadas e usufruídas por nossos antepassados [...]. (RAGO, 2002, p.261).

Dentro do universo dessa pesquisa já foi possível constatar que as produções historiográficas sobre as escravas, principalmente enfatizando-as enquanto mulher, mãe e lenda, são poucas e resumidas; a bem da verdade, essa é uma questão que atinge a temática dos africanos e afro-descendentes em geral, mas que para a nossa felicidade vem mudando nos últimos tempos. Somando-se a isso não podemos esquecer que estamos tratando da história da mulher escravizada, cuja mudança citada acima tem acontecido ainda mais lentamente. E assim surge o desejo de despontar e aprofundar esses três olhares em direção a escravizada, que enxerguemos a mulher, a mãe e a lenda. Para tanto esse trabalho é tão somente um pequeno primeiro passo, um simples ponto de partida.

Começamos pela viagem transatlântica, a qual durava cerca de 40 dias, isso depois de capturadas, transportadas e vendidas, iriam dividir espaços pequenos com homens, conhecidos e estranhos, quase nus, sem falar que as suas vestes também muitas vezes tinham sido rasgadas, fato este que provocava muitos constrangimentos, que perdurariam durante toda a viagem, associados a muitos sofrimentos, privações, riscos e dor.

As condições da viagem transoceânica justificavam o nome tumbeiro (de tumba de túmulo) dado aos barcos. Comprimidos em grande número nos porões das embarcações - entre 100 e 400 pessoas -, os escravos viajavam quase nus, sufocados pela falta de ar e torturados pela fome e pela sede. (FIGUEIRA, 2002, p.157).

Uma viagem assim, por si só já seria um martírio para qualquer um homem, imaginemos então para as mulheres; não importa a idade, os estragos psicológicos eram marcantes. Vale lembrar que para além de toda ausência de privacidade e toda sorte de ameaças, essas mulheres ainda sofriam outra violência que era exclusiva a elas, a qual muitas vezes já acontecia antes do embarque, se repetia na viagem e continuaria depois: a violência sexual. Tais marcas são do tipo que deixam feridas para toda uma vida, e que dificilmente cicatrizam, principalmente se tais abusos continuassem a acontecer sempre.

[...] As mulheres cabia fazer todo o serviço doméstico, atender às necessidades das esposas e filhos do senhor e satisfazer sexualmente seus donos brancos [...]. (FIGUEIRA, op.cit., p.159).

Se não cedessem aos abusos dos senhores seriam duramente castigadas, se cedessem, seriam duramente perseguidas e punidas por suas enciumadas senhoras, e era sempre assim entre a cruz e a espada. Além de abusadas sexualmente, ainda acabavam pousando de culpadas.

Um agravante a tudo isso é que às vezes o abuso sexual vinha acompanhado de outros males, pois durante muito tempo as escravas serviam como um tipo de objeto de purificação para os seus donos, que intencionalmente lhes passava doenças, para a cura das quais não receberiam nenhuma ajuda.

[...] Negras tantas vezes entregues virgens, ainda molecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres de sífilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo que uma negrinha virgem [...].(FREYRE, 2001, p.373).

Tudo isso nos prova que tais feridas começavam a serem abertas muito, muito cedo.

Se é que podemos falar assim, alguns direitos lhes eram dados, o direito de constituir família era um deles, todavia como era de se esperar não era um direito pleno, afinal os senhores não davam passos sem lucro, fazendo com que o direito de constituir

família não significasse exatamente o direito de uma vida familiar, de construir e cultivar laços, de um cotidiano normal entre pais e filhos. Aliás, fazia parte do cotidiano de um (a) escravizado (a) a negação imposta de sua memória e raízes.

Pegamos-nos pensando como era gerar, gestar e dar a luz a um filho dentro de uma senzala. A uma escravizada, até onde lhe era permitido ser mãe? Até quando teria seu filho ao seu lado e em que condições? Como se vivenciava laços não sublimes dentro de um ambiente extremamente hostil? Talvez essa vivência da maternidade em circunstâncias tão cruéis fosse o maior desafio e preocupação na vida de uma escravizada. É certo que a Lei do Ventre Livre (1871) foi um alento nesse contexto, mas não pôs fim ao dilema das mães, pois apesar de decretar que a partir daquela data as crianças nascidas de escravizadas seriam livres, tão liberdade estaria, como sempre, sujeitas a condições,

[...] até os 8 anos de idade a criança deveria ficar sob a autoridade do seu senhor. Depois, o proprietário poderia escolher: ou recebia do governo a quantia de 600 mil-réis e lhe entregava o menor ou continuaria usando seus serviços até 21 anos. (JÚNIOR, op.cit., p.19).

E a chuva torrencial de questionamentos continuou: Quais os desafios de uma gestação próprios de uma escrava? Havia diferenças em relação ao nosso conceito atual de maternidade? Quais os direitos que lhes eram negados? Educar, acompanhar, exemplar, cuidar, isso era permitido a uma escrava? Como se dava o processo interior que levava várias mulheres a abortar um filho pensando em protegê-lo? Não são raros os registros que dão conta dos abortos provocados pelas escravas, com o intuito de evitar sofrimentos futuros aos filhos. Do que essas mulheres eram donas? Tantas vezes nem de seus costumes eram poderiam dispor! A permanência do seu nome e a escolha do nome dos filhos era possível? Na esmagadora maioria das vezes só extra-oficialmente...

Ao ser batizado, o escravo perdia seu nome original, que era trocado por um português [...] em muitos lugares da África, o nome dado a uma pessoa tem um significado especial.

Ao contrário do que acontecia com o nome africano, o nome português dado no batismo, devia servir para apagar da memória do africano

todo o seu passado: sua família, seus amigos, sua língua e a região de onde tinha vindo. (JÚNIOR, 2004, p.59).

Daí tinha-se um espaço grande entre as respostas das seguintes perguntas: Como seu filho irá se chamar? E, como você poderá chamar seu filho? Pode até parecer pouca coisa, mas um breve exercício de verdadeiramente se colocar no lugar do outro, pode fazer você sentir dada revolta e entender que tem valores da nossa vida e cultura que não tem preço, que fazem bem para alma e alto estima de um povo que sejam cultivados, nossa língua, memória, religiosidade, nossas raízes familiares e culturais, são tesouros, principalmente para algumas culturas como as africanas e afro-brasileiras, pois remontam mais que conhecimentos milenares, reafirmam e fortalecem o nosso eu, aquilo que somos, e de onde viemos. Para uns mais insensíveis isso não passa de pequenos entraves na vida de um ser humano, mas de aparentes pequenos entraves se construía realidades e cotidianos muito duros de viver. É então que nos damos conta que estamos falando de uma mãe que nem ao menos é dona de si mesma, que vivenciava em seu dia a dia o ter sem ter, o querer e o poder extremamente limitados. Nesse contexto ver o filho crescer por perto já era considerado uma dádiva.

Mulheres lançadas à sorte, e sujeitas à vontade de pessoas que acreditavam não ser crueldade espancar e chicotear seus escravos, e que se justificavam dizendo que esses não tinham alma. Essas mulheres estavam inseridas em uma sociedade patriarcal, na qual a mulher livre e branca já tinha um papel submisso e as margens da sociedade, pensemos então a associação disso com a condição de escrava.

É então que, a revelia de todo esse cenário de submissão, exclusão e dominação despontam as lendas sobre as escravas, revelando o encanto, fascínio e poder exercido por essas mulheres, e exaltando suas belezas e qualidades físicas e morais como é o caso da lenda de Santa Josefa,

Josefa era uma moça, muito linda e muito religiosa, que pertencia a um rico senhor em Cachoeira do Sul. Este vivia perseguindo a jovem negra em busca de seus amores [...] (VOLPATTO, 2003, p.1).

Mas Josefa resistiu e um dia preferiu a morte por espancamento a se render aos desejos do seu senhor. Ele a mandou enterrar próximo de casa, reza a lenda que alguns dias depois começou a escorrer sangue do seu túmulo tão humilde, a notícia se espalhou. Arrependido do que tinha feito, o senhor mandou erguer uma capela no local, a Capela de Santa Josefa, a qual recebe vários pedidos e agradecimentos por graças recebidas. Tudo isso teria se passado em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul.

Outra lenda é a lenda da escrava Maria, mulher corajosa e destemida. Recém chegada no Brasil e inconformada com o destino que lhe foi imposto, decidiu fugir da fazenda onde era escravizada e partiu rumo à liberdade com seu filho nos braços. Foi perseguida e encurralada em um penhasco, preferiu jogar-se no precipício a voltar ao cativo.

O criador, com pena da pobre escrava, transformou-a numa linda orquídea, que floresce todas as manhãs, quando um beija-flor de asas douradas, seu filho, vem beijá-la com carinho. (VIEIRA, 1998, p.1).

Essas duas lendas somam-se a várias outras como a lenda da escrava honrada, a lenda da escrava luminosa e uma das mais conhecidas, a lenda da escrava Anastácia. A mãe de Anastácia teria sido vendida grávida, Anastácia teria nascido dia 12 de maio de 1740. Essa se tornando uma bela mulher, teria sido abusada sexualmente pelo seu senhor e filhos, e invejada pela sua senhora que tinha muito ciúmes do desejo que seu marido lhe tinha. Por isso a condenou a usar a máscara de flandes, máscara essa que a impossibilitava de se alimentar direito e de falar.

...Reza a lenda que Anastácia era defensora dos cativos, e que, embora impossibilitada de falar ela comunicava-se com seus pares com o olhar. Diz-se também que era filha de Oxum, divindade do panteão afro-brasileiro associada à beleza, fertilidade, riqueza e à vidência, sendo por isso, uma das padroeiras do jogo de búzios... (SOUZA, 2007, p.18).

Anastácia só tirava a máscara por poucos instantes durante os quais deveria se alimentar rapidamente. Depois de anos de sofrimento, Anastácia teria morrido no Rio de Janeiro; e seus restos mortais colocados na Igreja do Rosário, de onde sumiram depois

de um incêndio, fazendo com que a crença popular a tornasse um mito religioso. Todavia, como toda lenda, alguns autores colocam em dúvida a sua existência real. Independente de qualquer comprovação de existência, Anastácia tornou-se exemplo de altivez, mártir, heroína, dignidade e beleza.

Esses e outros relatos reais ou não, são frutos do imaginário e da cultura popular, que perpassam as gerações como símbolo de resistência à escravidão. Sendo assim entendemos que as lendas sobre as escravas são de suma importância e relevância histórica, como também o são as razões que levaram essas mulheres a serem merecedoras de protagonizarem lendas, de romperem o tempo como mitos. Vale à pena lembrar que todo mito tem seu valor uma vez que,

Os mitos não surgem por acaso, os mitos surgem em cada cultura de acordo com sua necessidade, definindo relações de poder entre os gêneros, entre os diversos subgrupos e entre todos e o meio. (GUIMARÃES, 2003, p.14).

As lendas e relatos sobre as escravas são provas que a revelia de todo um cenário de submissão, exclusão e dominação havia aqueles que enxergavam nas escravas todo o encanto e fascínio que há em uma mulher. cremos que existe um significado maior por trás dessas lendas, algo reflete junto com a sabedoria popular expressando de uma forma própria sua defesa em favor dessas mulheres que foram escravizadas.

Temos essas mulheres, por tudo o que foram e sofreram, como detentoras de um valor cultural incontestável, independente do olhar que lançamos sobre elas. Seja como história, mito ou lenda, as escravas constituem um marco, um símbolo da esperança e dos sonhos de liberdade e justiça defendidos por um povo, todavia sua influência chegou muito além da sua referida minoria...

[...] o mito está para a cultura e o coletivo assim como o sonho está para o indivíduo. São os mitos que tradicionalmente fundam culturas e o moldam os aspectos sociais de uma civilização [...] (GUIMARÃES, op.cit., p.13).

Seja como for, essas lendas estabelecem uma ponte que liga o lendário ao histórico, e através do histórico ganham uma brisa de legitimidade. São como um tipo

de símbolo da luta de um povo aguerrido, usado para dar vitória aos vencidos, são, sobretudo representações de resistência. Através das lendas o povo não só revela suas fantasias, sonhos e desejos, mas também reagem a uma situação adversa.

Como posto no início desse texto, esse trabalho é só um pequeno primeiro passo, preenchido muito mais de perguntas do que de respostas. Continuamos a pensar no complexo universo feminino inserido no âmbito da escravidão com muita sede de saber e com admiração, buscando entender como aquelas mulheres tão iguais a nós sentiram, superaram e resolveram momentos e situações cotidianas, íntimas, próprias de si, tão comuns, ou não, a qualquer mulher do tempo atual, todavia vivenciando um contexto tão diferente ou até inimaginável para uma mulher do século XXI.

Se conseguirmos expressar um pouco de reconhecimento e gratidão às escravizadas por tudo o que representam para a nossa história e cultura, e quem sabe uma fagulha de remissão pelo muito que sofreram e o nada de reparação que receberam já nos sentiremos encorajadas a continuar. A elas que merecem um justo espaço de destaque em nossa história e em nossa Historiografia o nosso olhar carinhoso, amoroso e de contemplação, por todas as dores sentidas, por tudo o que não viveram e por tudo o que não puderam ser...

Buscamos entendê-las para além dos entraves da nossa visão pessoal, tememos está moldando essas rosas segundo o jardim da nossa cultura e vivência, por isso queremos ir a fundo à busca dos seus sentimentos, necessidades, entendimentos do seu mundo... Pretendemos descobrir e/ou redescobrir a mulher, a mãe e a lenda, e assim nos aproximar-mos delas, e na medida da possível conhecê-las um pouco mais, nos deixar encantar ainda mais por elas.

Gostaríamos de concluir esse texto com um pensamento de José de Alencar que a nosso ver, em muito combina com as musas tema desse trabalho: “Não será a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza d’alma?”. Não sabemos se abismo da perdição seria o bastante para exemplificar a escravidão, nem tão pouco saberíamos qual o pior dos dois termos, mas o que sabemos, o que sentimos, e que nas entrelinhas da História acerca das escravizadas conseguimos constatar, é que a escravidão não as impediram de ser mulher, não lhes tornaram arvores secas, e que elas

são dignas de fascínio, por isso salve a mulher, a mãe e a lenda, adornadas pela escravidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer história: história geral e do Brasil**. 7º ano: modernidade européia e Brasil colônia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007, p.132-157.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História**. Série novo ensino médio. Vol. Único. São Paulo: Ática, 2002, p.151-160.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.343-515.

GUIMARÃES, Carlos Fragoso. O terror e os mitos de destruição: imagens do apocalipse na modernidade. In: ANDRADE, Maristela Oliveira de. (org). **Milenarismos e utopias: a busca do quinto império**. João Pessoa: Manufatura, 2003, p.11-18.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **Coleção história: sociedade & cidadania**. Vol. III. São Paulo: FTD, 2004.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **Coleção história: sociedade & cidadania**. Vol. IV. São Paulo: FTD, 2004.

QUEIROZ, Áurea. **A escrava luminosa**. Disponível em <
<http://www.dilsonlages.com.br/destaques.asp?id=266>>. Acesso em: 20 de maio/ 2009.

RAGO, Margareth. Libertar a História. IN: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, p.255-272.

SOUZA, Mônica Dias de. Escrava Anastácia e pretos-velhos: a rebelião silenciosa da memória popular. IN: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Imaginário, cotidiano e poder**. São Paulo: Selo Negro, 2007.p.15-42. (Memória afro-brasileira: vol.3).

VARZEA, Mariana. **A beleza da escrava Anastácia**. Disponível em < http://www.msn.bolsademulher.com/estilo/matéria/a_beleza_da_escrava_anastacia/1134/1>. Acesso em: 20 de maio/2009.

VIEIRA, Allysson Sérgio. **A lenda da escrava Maria**. Disponível em <<http://www.sfs.com.br/index.cfm?go=turismo.home&IDConteudosubcateria=21>>. Acesso em 26 de outubro/2009.

VOLPATTO, Rosane. **Lenda de Santa Josefa**. Disponível em < <http://www.rosanevolpatto.trd.br/santajosefa.htm>>. Acesso em: 19 de maio /2009.

VOLPATTO, Rosane. **A escrava honrada**. Disponível em < <http://www.rosanevolpatto.trd.br/escravahonrada.htm> >. Acesso em: 19 de maio/ 2009.